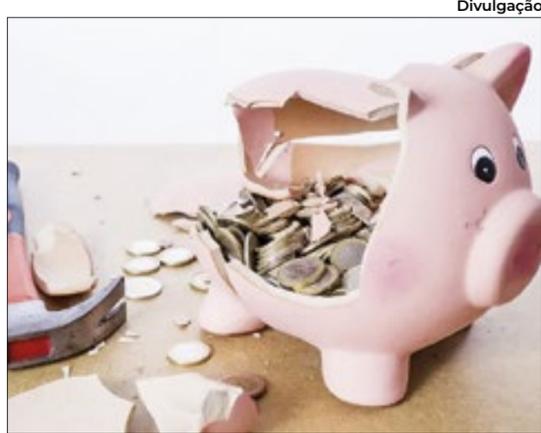


CORREIO ECONÔMICO



No ano, saída líquida da aplicação é de R\$ 23,775 bi

Poupança tem retirada líquida de R\$ 1,142 bilhões em abril

Mediante um montante de R\$ 353,973 bilhões de aplicações, ante R\$ 355.115 saques, a poupança apresentou retiradas líquidas de R\$ 1,142 bilhão em abril último, conforme dados divulgados, nessa quarta-feira (8), pelo Banco Central (BC). O desempenho negativo contrasta com o de março, quando houve saldo positivo de R\$ 1,339 bilhão (R\$ 324,7 bilhões de apli-

cações e retiradas de R\$ 323,38 bilhões. No ano, a saída líquida acumulada é de R\$ 23,775 bilhões, para uma retirada líquida de R\$ 87,819 bilhões em todo o ano passado. Em abril, o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), teve saída líquida de R\$ 3,029 bilhões, (R\$ 303,92 bilhões de depósitos e R\$ 306,95 bilhões de retiradas).

Sem IPOs

Sem 'tração', o mercado de capitais tupiniquim deverá continuar, como há três anos, sem oferta pública inicial de ações (IPOs, na sigla em inglês), preveem consultores e gestores de investimento. As últimas IPOs, em 2021, foram feitas pela Raizen e Oncoclínicas.

Balança sobe

Resultado de exportações de US\$ 30,92 bilhões, contra importações de US\$ 21,879 bilhões, a balança comercial brasileira acusou superávit de US\$ 9,041 bilhões em abril, superando o saldo positivo de US\$ 8 bilhões, em igual mês do ano passado, informou a Secex/Mdic.



Minoria (6%) de profissionais prefere regime presencial

Majoria de profissionais (77%) prefere modelo híbrido

A despeito da preferência pelo modelo híbrido de trabalho (presencial e remoto) de 77% dos funcionários consultados pela 27ª edição do Índice de Confiança da Robert Half, 35% das empresas costumam exigir dos empregados a presença diária no escritório.

Em contrapartida, somente 6% dos colabora-

dores preferem o regime presencial. Opção majoritária, tanto pelas corporações, quanto pelos trabalhadores, por ocasião da pandemia viral, em 2020 – como forma de manter o distanciamento social e a propagação da covid 19 – atualmente somente 7% das empresas se mantêm no regime de home office.

Novo emprego

Caso fossem obrigados a trabalhar de forma 100% presencial, 65% dos profissionais consultados pela Robert Half buscariam uma nova colocação no mercado; 43% dele sairiam do emprego presencial, caso surgisse nova oportunidade e 22% não voltariam ao escritório.

Pertencimento

Sensação de pertencimento e conexão com a equipe estão entre os atrativos para a continuidade do trabalho no escritório, por parte dos profissionais ouvidos na pesquisa, assinala o diretor-geral da Robert Half para a América do Sul, Fernando Mantovani.

Fundo de aval

Criação de um fundo de aval com o objetivo de garantir as operações de crédito de produtores rurais do Rio Grande do Sul. É o que propôs o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, ao explicar a modalidade seria similar ao Pronampe, adotado pela crise pandêmica.

Fluxo cai

O fluxo cambial do país neste ano, contabilizado até o dia 3 de maio último, totalizou US\$ 5,768 bilhões, montante abaixo de igual período de 2023, que chegou a US\$ 11,491 bilhões. Já o canal financeiro registrou saídas líquidas de US\$ 21,106 bilhões na semana passada.

Copom 'confirma' mercado e corta a Selic em 0,25 p.p.

Decisão do colegiado 'freia' ritmo de cortes de 0,5 p.p. da taxa

Por Eduardo Cucolo e Nathalia Garcia (Folhapress)

O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central decidiu nesta quarta-feira (8) mudar o ritmo de corte da taxa básica de juros (Selic).

Depois de promover seis reduções consecutivas de 0,50 ponto percentual, a diretoria do BC anunciou uma queda de 0,25 ponto percentual na taxa, que passou de 10,75% para 10,50% ao ano.

A decisão veio em linha com a expectativa de vários economistas, mas a visão do BC não era unanimidade no mercado.

A maior cautela do Copom também vem a contragosto do governo Lula Inácio Lula da Silva (PT), que defende uma queda mais rápida dos juros no país.

O corte de 0,25 ponto percentual era a projeção de 22 dos 33 analistas consultados pela Bloomberg. No relatório Focus, a mediana das estimativas também era um corte para 10,50% ao ano.

Sondagem da XP Investi-



Decisão do comitê reflete nível crescente de incerteza fiscal do país

mentos apontava que 55% dos 92 investidores institucionais consultados acreditavam no corte de 0,25 ponto, enquanto 45% esperavam manutenção do ritmo de 0,50 ponto.

Na última reunião do comitê, em 20 de março, o colegiado sinalizou que poderia haver mais um corte da mesma intensidade. Houve, no entanto,

mudança no discurso de vários integrantes do BC nas últimas semanas.

Um fator determinante foi a piora no cenário internacional, com o banco central dos EUA, o Federal Reserve, sinalizando que os juros vão demorar mais a cair por lá. O mercado estava confiante com uma desaceleração da inflação america-

na, mas o índice de preços tem se mostrado mais resiliente que o esperado.

Por aqui, a inflação passada melhorou, mas as expectativas para o futuro pioraram. O mercado de trabalho continuou forte, e o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mudou a meta fiscal de 2025, sinalizando mais gastos.

À espera do comitê, Ibovespa sobe 0,21%

Em compasso de espera – devido à definição do corte da Selic (taxa básica de juros), mas pelo 'desenho' da votação do Copom (Comitê de Política Monetária) em relação à calibragem dos juros – o clima do mercado, nessa quarta-feira (8), foi pautado pela cautela, uma vez que o Ibovespa subiu 'módicos' 0,21%, a 129.481 pontos, o que corresponde a ganhos de 2,82% no mês, mas perdas de 3,51% no ano.

Até o encerramento dos negócios dessa sessão, a expectativa era de que a redução seria 'desidratada' de meio ponto percentual (0,5 p.p.) para 0,25 p.p.. Mas a pergunta que não quer calar é: o que vai acontecer, a partir de agora?

Ante a tal cabedal de incertezas, o Ibovespa evitou fazer movimentos bruscos, ao longo do pregão, embora o viés da sessão tenha sido de predomínante instabilidade, operando

sempre próximo de zero.

Em sua parte final, porém, as negociações receberam impulso adicional, a reboque da alta da Petrobras e da valorização do petróleo.

Mediante esse misto de 'emoções', a exemplo da segunda-feira (6), o mercado optou pela prudência, o que pôde ser atestado pelo volume restrito de negociações, que não superou R\$ 16,7 bilhões, patamar inferior à média dos últimos 12 meses.

Tal performance foi reforçada pela escassez de novidades políticas e uma agenda econômica vazia.

A contumaz 'harmonia' dos membros do colegiado teria sido quebrada pela troca iminente do presidente da autoridade monetária – o que preocupa muito os agentes do mercado, devido aos riscos de interferência política nas decisões do BC. (M.S.)

Reforma tributária abre brecha a fraudes

Por Marcello Sigwalt

Especialmente propício em momento de transição de regras, como o atual, a complexidade da proposta de reforma tributária, cujas discussões estão em curso no Congresso Nacional (Emenda Constitucional nº 132/2023) pode abrir uma grande brecha para toda sorte de fraudes, desde manipulação de demonstrações financeiras, sonegação fiscal, práticas turbinadas pelo desejo de aumentar remunerações e bônus, elevar o valor de mercado das ações e da distribuição de dividendos.

A conclusão é compartilhada por analistas de mercado, para quem a 'ampla alteração regulatória proporcionada pela reforma acabará servindo de incentivo para que contingente crescente de empresas busque brechas legais que permitam manipular informações contá-



Proposta tributária complexa abre brecha para fraudes

beis e fiscais. Outra 'sequela' do novo enfoque tributário seria a possibilidade de 'interpretações dúbias', exploração de 'lacunas' na legislação ou iniciativas que 'mitiguem' impactos financeiros.

Foram estas considerações, sob o ponto de vista contábil,

o reconhecimento dos novos tributos contemplados na reforma poderia alterar, de forma expressiva, a percepção e análise das demonstrações financeiras. Desse modo, por meio de um reconhecimento e mensuração fiscal inadequados, seriam distorcidos resultados, mascarada

a verdadeira posição econômica de uma empresa, o que desvirtuaria, por fim, a tomada de decisões de investidores, credores e por aqueles que utilizam estas informações contábeis.

O fato é que a nova reforma tributária não leva em conta que a maioria das empresas não está preparada para algumas 'inovações', como a ampliação do sistema de créditos para todos os tributos; fixação de um período de transição longo e 'desarmonia' de posicionamento entre as autoridades fazendárias.

A recomendação dos especialistas é de que gestores e stakeholders se mantenham vigilantes em todas as fases da transição tributária, como as alterações nas políticas fiscais e fidelidade aos princípios de integridade, transparência e fortalecimento dos controles internos, a fim de detectar eventuais fraudes fiscais.

Produção de veículos no país sobe 24,2%

Sob o impulso da expansão expressiva de consumo de automóveis no país, a produção de veículos (carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus) avançou 24,2% em abril último, no comparativo anual, correspondendo a 222,1 mil unidades. Em relação a março, o volume produzido representou elevação de 13,5%.

Estes dados foram divulgados, nessa quarta-feira (8) pela Anfavea (Associação Nacional

dos Fabricantes de Veículos Automotores), ao apontar que a produção acumulada do ano já soma 760,1 mil veículos, montante 6,3% superior ao total produzido em igual período do ano passado.

No quesito vendas, estas cresceram 37,4% no mês passado, pelo comparativo anual, totalizando 220,8 mil unidades emplacadas, além de se aproximar do patamar pré-pandêmico, uma vez que em abril de

2019 foram comercializados 231,9 mil veículos. Já no comparativo mensal, as vendas subiram 17,6%. No acumulado do primeiro quadrimestre do ano, foram vendidas 735,4 mil unidades no país, volume 16,3% maior do que em igual período de 2023.

Para a Anfavea, a expansão expressiva, tanto das vendas, quanto da produção, espelha a melhora das condições de crédito, em especial, a queda dos

juros, mas também a aquisição mais 'vigorosa' de novas unidades pelas locadoras, devido à renovação das frotas.

No campo do comércio exterior, as exportações apuraram queda de 19,6% em abril, ante o mesmo mês do ano passado, enquanto que, na passagem de março para abril, o recuo foi de 16,4%. Com abertura de 601 vagas no mês passado, segundo a Anfavea, o setor emprega hoje 102 mil pessoas. (M.S.)